

Vamos à terra!

HELENA MENEZES



ILUSTRAÇÃO de SOFIA PAULINO

Ao meu avô e à minha avó.

Aos meus pais, mana, tios,
primas e primos.

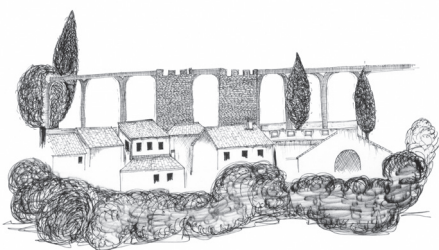
Aos amigos que adotaram e
viveram connosco esta terra.

A todas as terras e Serpes que
ainda andam por aí.





Vamos
à terra!



Esta obra obteve o apoio da Câmara Municipal de Almada, que atribuiu o Prémio de Literatura Juvenil Maria Rosa Colaço 2023, e da Câmara Municipal de Serpa.

Título: *Vamos à Terra!*

Autor: Helena Menezes

© texto, Helena Menezes, 2024

© ilustrações Sofia Paulino, 2024

© da edição original, Grupo Narrativa, 2023

Todos os direitos reservados.

Revisão: Machado dos Santos

Paginação e *design*: Sofia Paulino

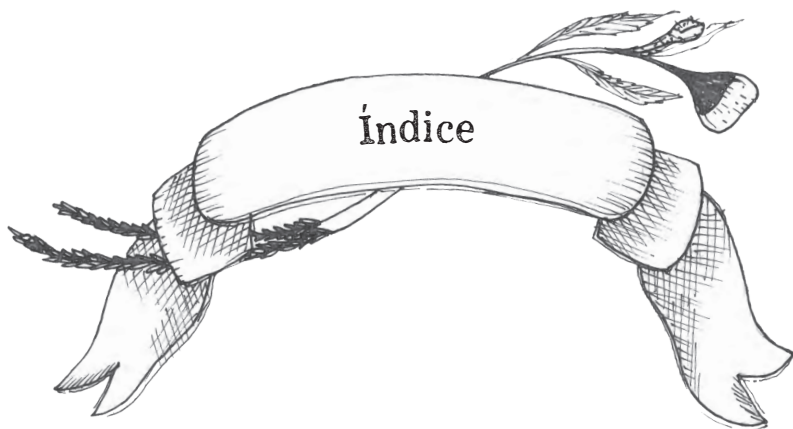
Colecção: .gabau

ISBN: 978-989-8909-16-9

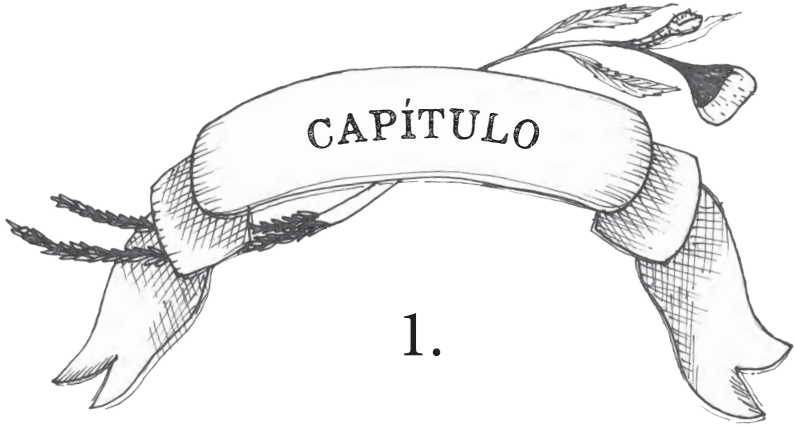
1.ª edição: Novembro de 2024

Simon's Books é uma chancela do Grupo Narrativa
gruponarrativa.pt

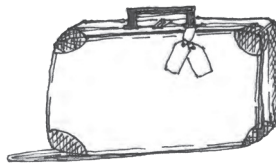




1. Quem não tem terra, pede emprestada	11
2. As serpes ou os serpes?	16
3. Viagem pelo Alentejo	20
4. Terra à vista	25
5. A Fazenda	31
6. Receita para fazer uma «terra»	35
7. As quatro estações	42
8. O paraíso já não mora aqui	49
9. A Fazendinha	53



QUEM NÃO TEM TERRA,
PEDE EMPRESTADA





Tive uma infância feliz.

Não só feliz. Tive uma infância passada na terra. Que é como se diz quando se vive na cidade e se vai à terra, nas férias e nos fins-de-semana.



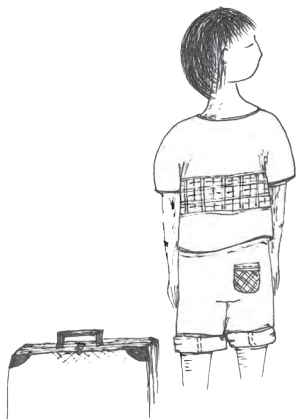
Vivi em Lisboa, mas, curiosamente, não me lembro muito da minha infância na cidade. A minha memória ficou plantada no Alentejo, enraizada na terra da minha mãe como uma oliveira que se abre transformada em casa, depois de ver passar gentes e povos sem fim.

Na minha escola encontrei crianças cujos avós viviam em Lisboa. Estas não tinham terra. Não iam nunca à terra porque já lá estavam, na cidade. Mas não lhe chamavam terra, não lhe chamavam nada. Às vezes tinham o bairro que era como uma aldeia, uma «terra» dentro da cidade. Mas, ainda assim, sempre achei que tinham pena de nunca dizer «vamos à terra».



O meu primo Rodrigo pertencia ainda a outro grupo de crianças. Tinha os avós em Lisboa que tinham vindo da terra. Mas essa terra ficava demasiado longe. Então também não podia dizer «vamos à terra». Em vez disso, por me ouvir tantas vezes dizer «vamos à terra», dizia:

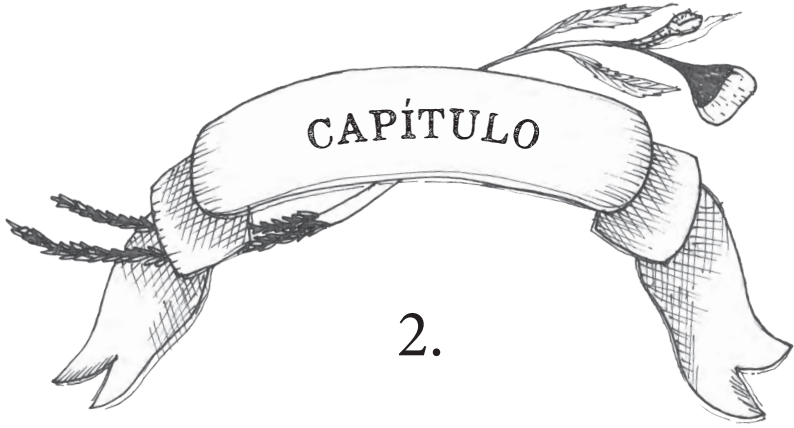
«Mãe, também quero ir à terra! Não podemos ir à terra? Porque é que não temos terra?»



Para chegar à terra do meu primo, tinham que se sobrevoar vários países, desertos e mares durante as horas de uma noite inteira.

Então, vendo que isso era difícil, emprestei-lhe muitas vezes a minha. A ele e a outros amigos que precisavam de uma, para se sentirem um bocadinho mais felizes a viver na cidade.

Essa terra que fica lá longe também é minha, porque de lá, com o pai do meu primo, veio também o meu. Mas esta história, de uma terra de cocos, caril e tigres, chamada Goa, ficará para outra altura.



AS SERPES OU OS SERPES?

FIG. I - *Caáti*

A minha terra fica no Alentejo, achada entre campos secos e olivais, ao pé de Serpa. E embora esta, hoje, conte com pés galopantes de cidade, no coração encerra eternamente uma vila branca, pintada com cal todos os anos pela memória que não falha. Uma terra de gente forte, guardada por muralhas e serpes. Foi numa destas serpes ou num destes serpes, que me montei para contar esta história.

A minha serpe, tal como todas, é um dragão de duas patas que não cospe fogo. Tem a parte da frente do corpo entroncada e forte como a de um leão, e a parte de trás esguia e ondulada como o de uma serpente. Depois, tem asas e patas de águia das estepes, bigodes e olhos de lince, e orelhas de vaca alentejana a pastar no montado. Cada habitante desta zona tem a sua. Muitos não a alimentam, deixando-a um pouco invisível, até que desaparece. Outros, como eu, dão-lhe rações de histórias e pensamentos, fantasia e magia, de imaginação sem fim.

A minha serpe assim alimentada fica grande como um helicóptero, mas silenciosa. Acompanha-me para todo o lado. Sobrevoa por cima desta terra, e não só. Por vezes vai a África levar presentes aos árabes que cá estiveram, e que levaram tanto desta terra nos seus

corações, quanto conhecimento e palavras deixaram. Aterra em acampamentos e caravanas, com avios em panos axadrezados, com tarros de cortiça cheios de azeite e azeitonas, queijos de entorna de ovelha e histórias de lobos e migas que aguçam a curiosidade das crianças do deserto, mais habituadas a camelos e *tajines*, que mais não são que tachos de barro em forma de cebola com guisados lá dentro!

À minha serpe chamei-lhe Uádi, que é a palavra árabe para «leito do rio que seca no verão», porque ela adora o Rio Guadiana como eu, e sabe bem que o seu nome antigo é *al-uádi-ana*. Juntas seguimos o rio até à sua origem que um dia até se pensou ser subterrânea, no coração de Espanha. Lá chegadas, visitamos os moinhos de vento de Dom Quixote em Consuegra, e abastecemos em Toledo para viajar para além do deserto. São viagens mais arriscadas que só fazemos às vezes, quando não vamos à terra. A Uádi vive comigo em Lisboa e ajuda-me a sobreviver na cidade, ansiando tanto ou mais do que eu, que os meus pais digam «vamos à terra!».

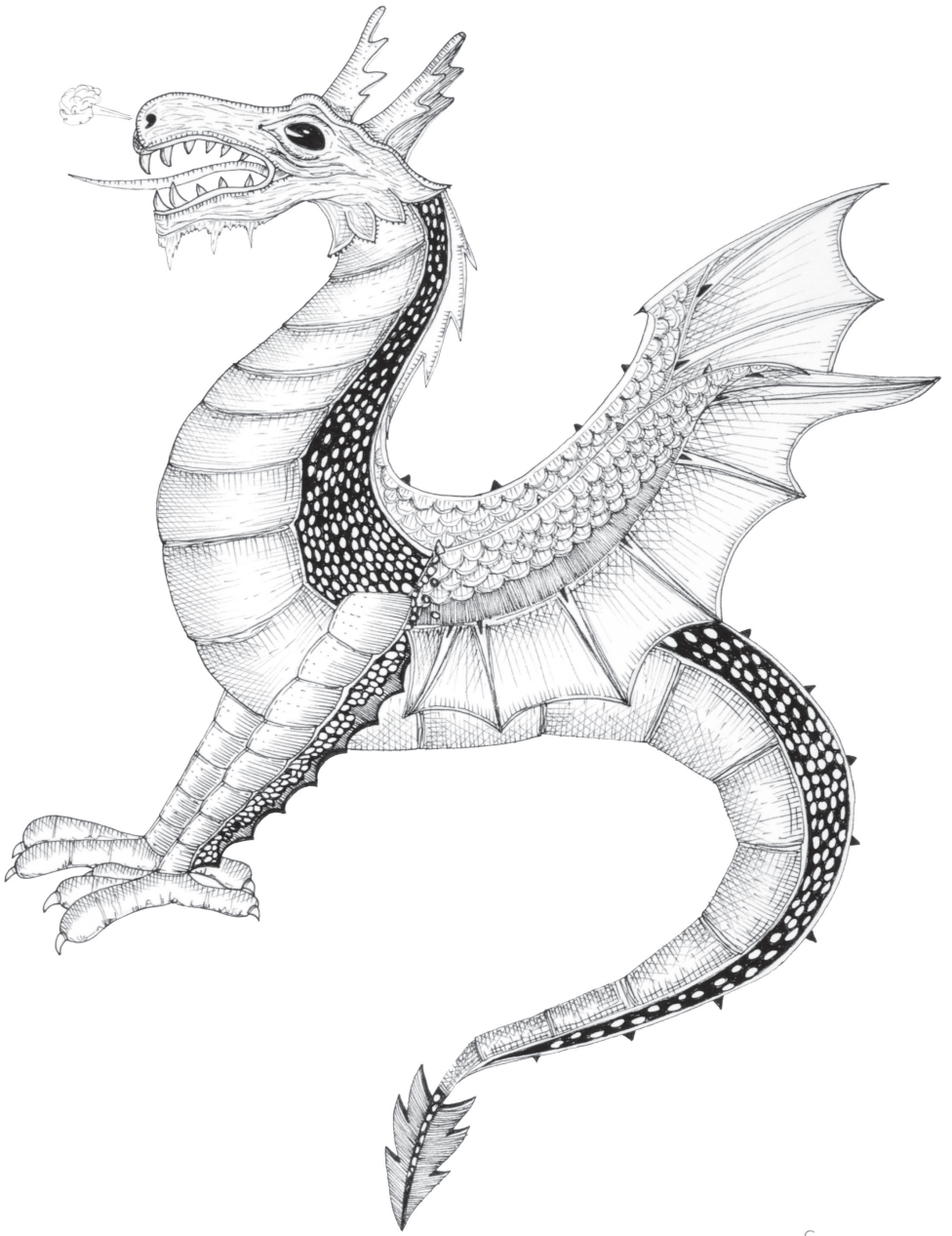


FIG. I - *Badi*



Descubra mais em
gruponarrativa.pt